

PLURALISMO CULTURAL E TOLERÂNCIA METODOLÓGICA

Gelson Liston

Universidade Estadual de Londrina, Brasil

orcid.org/0000-0003-4963-9422

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise do conhecimento científico pressupondo os conceitos de “método” e “racionalidade científica” a partir do seguinte questionamento: em que medida podemos afirmar que o empreendimento científico é um empreendimento racional? Deve haver um padrão único, algo como controle empírico, objetividade e justificação lógica? Devemos questionar os limites das distinções científico/não científico; racional/irracional; ciência/história da ciência? Tais distinções são ou devem ser contextualizadas? Assim, o anarquismo epistemológico, entendido como um pluralismo metodológico, nos conduz a uma nova forma de discutir a racionalidade científica, notadamente uma racionalidade contextualizada. A uniformidade é tediosa, concordamos com Feyerabend, mas nada tem a ver com a objetividade. Entendemos que a objetividade é uma condição de possibilidade da ciência na perspectiva da unidade científica, mas não está condicionada à uniformidade, que restringe a liberdade de suas práticas. Uma metodologia anarquista que almeja a proliferação teórica é uma boa alternativa à uniformidade, mas não o é para a unidade da ciência, que tem outro propósito, o de justificação lógica. Deste modo, pluralismo cultural e tolerância metodológica são compatíveis. E não um “oceano de alternativas mutuamente incompatíveis”.

PALAVRAS-CHAVE: Feyerabend. Carnap. Unidade. Racionalidade. Pluralismo. Tolerância.

CULTURAL PLURALISM AND METHODOLOGICAL TOLERANCE

ABSTRACT: This paper presents an analysis of scientific knowledge presupposing the concepts of ‘method’ and ‘scientific rationality’ from the following question: to what extent can we say that the scientific enterprise is a rational one? Should there be a single pattern, something like empirical control, objectivity and logical justification? Should we question the limits of distinctions scientific / non-scientific; rational / irrational; science / history of science? Are these distinctions contextual or should they be contextualized? Thus, epistemological anarchism, understood as methodological pluralism, leads us to a new way of discussing scientific rationality, notably contextualized rationality. Uniformity is tedious, we agree with Feyerabend, but it has nothing to do with objectivity. We understand that objectivity is a condition for the possibility of science from the perspective of scientific unity, but it is not conditioned by uniformity, which restricts the freedom of its practices. An anarchist methodology that aims for theoretical proliferation is a good alternative to uniformity but not to the unity of science, which serves another purpose, that of logical justification. Therefore, cultural pluralismo and methodological tolerance are compatible. And not an ‘ocean of mutually incompatible alternatives’.

KEYWORDS: Feyerabend. Carnap. Unity. Rationality. Pluralism. Tolerance.

INTRODUÇÃO

A importância de discutir uma “noção de cultura” é fundamental para Feyerabend, uma vez que o conhecimento, para ele, seja científico ou não, é parte de um processo histórico mais complexo do que aquele que nos foi apresentado pelo positivismo lógico. O que não é fundamental ao conhecimento são as orientações e restrições dos mais diversos matizes, sobretudo as racionalistas, humanistas, sociológicas e religiosas. No caso específico do conhecimento científico, este precisa, a todo custo, ser protegido das ideologias. De modo similar, as sociedades democráticas precisam ser protegidas da autoridade tirânica da ciência. A posição de Feyerabend é a de que devemos respeito à ciência, mas não podemos ser culturalmente submissos a ela, de modo a nos comportarmos como se ela nos apontasse o caminho para a verdade e a realidade.

Dito isto, estaria Feyerabend propondo a relativização da ciência – ou ao menos de seus enunciados – a uma referência cultural?

Algo como o seguinte:

[E] Dada uma proposição p , as expressões “ p é verdadeira” ou “ p é falsa” são destituídas de significado. Contudo, quando relativizadas a uma estrutura L adquirem significado, sendo verdadeira ou falsa em L . Nesse caso, L é uma estrutura linguística. Agora, vamos pressupor uma estrutura C , de modo que as expressões “ p é verdadeira” ou “ p é falsa” adquirem significado quando relativizadas a C , sendo C uma referência cultural.

Até aqui, tudo bem. Parece que o esquema funciona igualmente para as duas estruturas – linguística e cultural. Ocorre que L , neste caso, é uma instância da linguagem fisicalista, possuindo universalidade e objetividade científica, independentemente desta ou daquela comunidade científica, pois os eventos descritos em linguagem fisicalista são, em princípio, observáveis para todos os usuários desta linguagem, o que lhe garante intersubjetividade. No caso de C , podemos contar com uma noção universal de conhecimento e de ciência? “Verdadeiro” e “Falso” são predicados aceitos? Como identificar algo como sendo uma referência cultural? A própria noção de cultura não nos leva a um relativismo epistemológico? Que metodologia devemos utilizar para identificar as diferentes culturas epistêmicas?

A noção de relativismo em Feyerabend, sobretudo quando associada à ideia de uma racionalidade contextualizada, é uma questão delicada. Feyerabend parte de um relativismo inicialmente político que afirma que todas as tradições têm direitos iguais (cf. 2011, p. 103), defendido, sobretudo, em sua obra *A Ciência em um uma Sociedade Livre*, onde expressa sua crítica à imposição de uma tradição sobre outras e defende que o relativismo político colocaria fim ao cômodo exercício da superioridade cultural, quase sempre conduzido por intelectuais famintos de poder. E chega a flertar com um relativismo epistemológico em obras como *Adeus à Razão*, onde conceitos como “verdade” e “objetividade” são relativizados a uma referência cultural e critérios de cientificidade são destituídos de significado, impossibilitando a distinção entre práticas científicas e não científicas. No registro da dinâmica científica, Feyerabend assume a seguinte tese argumentativa: “para cada afirmação, teoria, ponto de vista que, por bons motivos, acreditamos serem verdadeiros, existem argumentos mostrando uma alternativa conflitante que é pelo menos igualmente boa, ou até melhor” (2010, p.95). No entanto, conclui suas notas sobre o relativismo dizendo que seu maior interesse não está nas teorias ou conceitos, mas nas relações humanas, ou algo como “toda cultura é potencialmente todas as culturas”, ao refletir sobre a complexidade das manifestações humanas, em sua autobiografia (cf. 1996, p.159), deixando, assim, alguma margem para se pensar a possibilidade de uma concepção de racionalidade científica e não uma posição de irracionalismo científico irrestrito. Tal posição, mostra uma alteração de seu pensamento nos escritos mais tardios,¹ tentando compatibilizar o relativismo com sua concepção de racionalidade científica contextualizada.

1 – MÉTODO E RACIONALIDADE

Já no prefácio à terceira edição (1993) de *Contra o Método*, Feyerabend deixa clara sua posição sobre ciência: *A ciência pode muito bem sobreviver sem a filosofia da ciência*. Antes disso, no prefácio à segunda edição (1987) (a primeira edição data de 1974), Feyerabend afirma exatamente o seguinte: “as ideias desses grandes pensadores – Einstein, Bohr... – foram irreconhecivelmente distorcidas pelos *roedores positivistas e por seus rivais, os roedores pertencentes à igreja do racionalismo ‘crítico’*”. Voltando ao prefácio à terceira edição, Feyerabend afirma que os modelos de racionalidade oferecidos pelos filósofos da ciência da

¹ Sobretudo a terceira edição de *Contra o Método*.

primeira metade do século XX “*não apenas produziram quimeras, mas teriam prejudicado as ciências, caso tivessem sido adotados como guias*”. Enfim, a ciência não precisa de posições lógicas, epistemológicas e metodológicas dogmáticas, tampouco de amarras sociológicas.

A metodologia pluralista conduz à proliferação teórica, mas de um modo diferente daquele apregoado pela escola racionalista. Sim, Feyerabend está discutindo a dinâmica científica e o progresso do conhecimento, e sua posição metodológica difere do ideal de aproximação gradual à verdade; aquele de tipo popperiano.

É, antes, um sempre crescente *oceano de alternativas mutuamente incompatíveis*, no qual cada teoria, cada conto de fadas e cada mito que faz parte da coleção, força os outros a uma articulação maior, todos contribuindo, mediante esse processo de competição, para o desenvolvimento de nossa consciência. Nada jamais é estabelecido, nenhuma concepção pode jamais ser omitida de uma explicação abrangente (FEYERABEND, 2007, p. 46).

Neste processo, a história da ciência torna-se parte inseparável da própria ciência. A proliferação teórica tem, aqui, um aliado metodológico importante, a *contraíndução*, que nos indica o caminho da *contra-regra*;² “introduzir e elaborar hipóteses que sejam inconsistentes com teoria e/ou fatos bem estabelecidos” (2007, p. 45). Neste caso, estaria Feyerabend propondo uma metodologia alternativa à dos positivistas lógicos e racionalistas críticos, recomendando uma “nova metodologia que substitua a indução pela *contraíndução* e utilize uma multiplicidade de teorias, concepções metafísicas e contos de fadas em vez do costumeiro par *teoria/observação*”? (2007, p. 48). Não se trata da substituição de uma metodologia por outra. O objetivo de Feyerabend parece ser bem claro, inclusive pelo título do livro *Contra o Método*: o de mostrar a limitação de todas as metodologias. O anarquista feyerabendiano é aquele que usa a razão para solapar a autoridade inquestionável da razão e, no caso da prática científica, instiga a desenvolver hipóteses que sejam inconsistentes com teorias bem estabelecidas. Romper com a condição de consistência³ é a mola propulsora do anarquismo epistemológico feyerabendiano; é ele, e só ele, que conduz à proliferação teórica. Isso vale para

² Por “*contraíndução*” ou “*contra-regra*”, Feyerabend pensa no seguinte: “a condição de consistência, que exige que hipóteses novas estejam de acordo com teorias aceitas, é desarrazoada, pois preserva a teoria mais antiga e não a melhor. Hipóteses contradizendo teorias bem confirmadas proporcionam-nos evidência que não pode ser obtida de nenhuma outra maneira. A proliferação teórica é benéfica para a ciência, ao passo que a uniformidade prejudica seu poder crítico. A uniformidade também ameaça o livre desenvolvimento do indivíduo” (2007, p. 51). Contudo, devemos ter bem claro que “*contraíndução*” ou, ainda, “*proliferação*” não são novos métodos introduzidos para substituir velhos métodos, mas estratégias para mostrar o limite teórico destes.

³ A consistência, aqui, é consistência lógica entre teorias. Contudo, Feyerabend também questiona, em tom desafiador, o falseacionismo metodológico popperiano e a possibilidade de consistência entre teorias e fatos.

o registro da dinâmica da ciência. Já no caso da justificação científica, a crítica é semelhante, a saber, romper com o padrão de racionalidade estabelecido pelas estruturas lógico linguísticas do positivismo lógico. Ou seja, o efeito da condição de consistência é semelhante para os dois registros.

A condição de consistência é muito pouco tolerante: Elimina uma teoria ou uma hipótese não porque esteja em desacordo com os fatos; elimina-a porque está em desacordo com outra teoria, além do mais, de cujas influências confirmadoras ela compartilha. Desse modo, transforma a parte ainda não testada dessa teoria em medida de validade. A única diferença entre tal medida e uma teoria mais recente é a diferença de idade e familiaridade. Se a teoria mais recente tivesse surgido primeiro, a condição de consistência teria operado em seu favor (FEYERABEND, 2007, p. 52).

De acordo com a condição de consistência, teorias igualmente adequadas empiricamente seriam priorizadas ou eliminadas devido à sua idade ou familiaridade. Nesse caso, como fica o problema da subdeterminação das teorias pelos fatos? Deixaria de existir? Uma segunda e não menos importante questão: é possível exaurir o conteúdo empírico de uma teoria científica a fim de sustentar a afirmação de que existem teorias igualmente adequadas empiricamente? E existe um problema prático, esse apontado por Feyerabend: “a exclusão de alternativas é, então, simplesmente uma questão de conveniência: sua invenção não apenas não ajuda, como até dificulta o progresso ao absorver tempo e potencial humano que poderiam ser dedicados a coisas melhores” (Idem, p. 53). Sem falar, é claro, do investimento financeiro. Assim, sem alternativas à teoria a ser testada, a proliferação teórica é prejudicada. Exceção feita nos casos em que novos fatos desafiam a teoria aceita. Daí a importância do pluralismo metodológico para a superação da metodologia padrão. Feyerabend não está negando a importância e relevância do caráter decisivo de fatos refutadores;⁴ está, sim, afirmando a pobreza limitadora da metodologia, propondo que teorias alternativas não sejam condicionadas aos fatos refutadores, que ideias revolucionárias não sejam um obstáculo ao pensamento e à prática científica. Além disso há um aspecto humanitarista em Feyerabend que merece toda a atenção:

A unanimidade de opinião pode ser adequada para uma igreja rígida, para as vítimas assustadas ou ambiciosas de algum mito (antigo ou moderno), ou para os fracos e voluntários seguidores de algum tirano. A variedade de opiniões é necessária para o conhecimento objetivo. E um método que estimula a variedade é também o único método compatível com uma perspectiva humanitarista (Idem, p. 60).

⁴ Importante lembrar que Feyerabend defende o princípio de tenacidade, segundo o qual, podemos manter uma teoria ainda que haja dados incompatíveis com ela (cf. FEYERABEND, 1965, p. 252)

Assim, a contraindução teria uma função importante para a perspectiva humanitarista de Feyerabend, pois ela poderia atuar na elaboração de hipótese inconsistentes com a chamada ordem do dia, com ideias de aceitação geral. Com isso, a metodologia pluralista mostra sua força tanto no campo altamente teórico quanto no campo da prática. Com ela, velhas distinções como ciência e história da ciência, ciência e não ciência, perdem o sentido.

Ao defender que a ciência é uma coleção dispersa de assuntos (no mais alto nível teórico ou experimental), Feyerabend afirma que a “unidade desaparece ainda mais quando prestamos atenção não apenas em rupturas no nível teórico, mas na experimentação e, especialmente, na moderna ciência de laboratório” (2007, p. 14). A ideia, aqui defendida, expressa a tese de que se a ciência não é mais uma unidade e, por isso, não dispõe de um único método e não possui uma estrutura comum, então os projetos científicos têm de ser avaliados individualmente enquanto episódios particulares de pesquisa. É claro que temos aqui a nítida percepção de que Feyerabend está pensando em aspectos sociológicos e culturais (flertando com o contexto de descoberta e a dinâmica científica) para defender um pluralismo muito diferente daquele que defendem os adeptos de um pluralismo de estruturas linguísticas que encontra sustentação no princípio de tolerância linguística e na unidade científica.

2 - UNIDADE CIENTÍFICA

Para os que defendem o método científico e a tolerância linguística,⁵ a tese da unidade científica, construída a partir da unidade linguística, surge como um objetivo a ser seguido, propondo, assim, uma epistemologia normativista e justificacionista. Relativizam os

⁵ Ainda que o objetivo de Carnap em *Empirismo, Semântica e Ontologia* seja outro, a saber, a discussão sobre compromissos ontológicos, a distinção entre “questões internas” e “questões externas”, além de dissolver a controvérsia metafísica sobre a existência de entidades suspeitas, nos apresenta uma solução para a escolha de um determinado sistema linguístico que, por ser uma decisão de escolha entre formas, deve ser pragmática. Tal solução só é possível devido ao princípio de tolerância linguística, identificado neste artigo com o pluralismo linguístico. Para Carnap, a escolha de um sistema linguístico é semelhante à escolha de um instrumento e deve ser avaliado por seus resultados, desde que testáveis, é claro. Desde sua primeira grande obra, *Aufbau*, (1928b) Carnap trabalha com o princípio de tolerância linguística ao aceitar que a linguagem fenomenalista é apenas uma opção de reconstrução racional do conhecimento científico. Este poderia ser reconstruído a partir de outras bases, como, por exemplo, uma base fisicalista. O princípio, todavia, foi formalmente expresso em *The Logical Syntax of Language* (1934, p. 51). Voltando ao *Aufbau*, é importante ressaltar que Carnap defende apenas duas teses: a unidade da ciência e a justificação racional do conhecimento científico. Destaco isso para afirmar que a eliminação da metafísica não é uma tese carnapiana; antes, ela é superada por uma decisão construcional.

enunciados científicos a estruturas linguísticas fisicalistas⁶ e afirmam ser possível construir toda a ciência tendo-se como base uma linguagem universal. Essa tese pressupõe, ainda que de forma tênue, a distinção entre duas linguagens (teórica e observacional) e se pauta na possibilidade de construir estruturas linguísticas atribuindo significado aos termos teóricos a partir de suas relações com os termos não teóricos via regras de correspondência. Ainda que incompleta e parcial, tal interpretação é fundamental e imprescindível na compatibilização da unidade científica com o empirismo.

Pressupondo que Feyerabend conhecia a obra de Carnap, sobretudo sua tese da incompletude da interpretação dos termos teóricos e como tais termos eram introduzidos em um sistema linguístico mediante definições ou postulado, questionamos sua insistência com críticas inócuas e caricaturadas do positivismo lógico. Nos referimos, aqui, ao movimento “positivismo lógico” exatamente porque são raras as referências individuais feitas por Feyerabend.

(...) A experiência surge com pressupostos teóricos, e não antes deles, e uma experiência sem teoria é tão incompreensível quanto o é (presumidamente) uma teoria sem experiência: elimine parte do conhecimento teórico de um sujeito perceptivo e você tem uma pessoa completamente desorientada e incapaz de executar a mais simples das ações. Elimine mais conhecimento e o seu mundo sensorial (sua “linguagem de observação”) começará a desintegrar-se, as cores e outras sensações simples desaparecerão até que ele se encontre em um estágio ainda mais primitivo do que uma criança pequena. Uma criança pequena não tem um mundo perceptual estável que possa usar para dar sentido às teorias diante dela colocadas (FEYERABEND, 2007, p. 210).

A crítica de Feyerabend à chamada tese da estabilidade⁷ pressupõe, novamente, um empirismo ingênuo do positivismo lógico, a saber: a possibilidade, e defesa, de uma interpretação neutra da linguagem observacional completamente independente do conhecimento teórico. Tal crítica é tão desprovida de sustentação teórica que nos leva a pensar que Feyerabend não conhecia as teses que estava criticando. Contudo, a perplexidade aumenta quando voltamos algumas páginas do mesmo livro e percebemos que Feyerabend (2007, p. 172)

⁶ O mesmo vale para os sistemas puramente lógicos que, por não serem sacrossantos, podem ser construídos e revisados a partir de estruturas linguísticas e de regras de inferência e não por argumentos filosóficos.

⁷ A tese da estabilidade pressupõe que o significado dos enunciados da linguagem observacional permanece estável diante de alterações teóricas.

cita Carnap⁸ exatamente para mostra que não há uma interpretação independente para a linguagem.

A motivação de Carnap com a unidade da ciência, estruturada a partir de uma linguagem universal, é possibilitar que todos os enunciados das mais diversas áreas do conhecimento científico possam se interrelacionar e gerar conhecimento. Esses enunciados, conforme afirma Carnap (1932a, p. 39), devem ser formados a partir de um vocabulário definido e de acordo com a sintaxe lógica. Contudo, esta tese não implica a afirmação de que exista uma única linguagem e um único método para a ciência (fiscalista), mas que qualquer enunciado de outra linguagem pode ser nela traduzido. Trata-se, portanto, de uma opção metodológica que cumpre uma finalidade: relacionar as mais diversas áreas do conhecimento científico a partir de uma base comum. Assim, toda sentença de qualquer ciência particular pode ser formulada em linguagem física.

Na visão de Neurath, – outro roedor positivista, segundo Feyerabend – na ciência unificada, as leis científicas desempenham suas funções de explicações e predições de eventos, de modo que, em um sistema consistente, tais leis podem, sob certas circunstâncias metodológicas, manter relações entre si, otimizando o trabalho orquestrado dos cientistas a fim de alcançar predições bem-sucedidas por meio de induções fiscalistas. É esta orquestração de um sistema unificado de leis com eventos físicos que define o fiscalismo (cf. 1959b, p. 286). Assim, os diferentes ramos da ciência compartilham de um mesmo método, de observação e experimento, sem um acesso epistemológico ou cultural privilegiado.

Se o conhecimento pode ser expresso em uma estrutura espaço-temporal, então há a possibilidade de predição e controle científico. Essa é a ideia de uma concepção científica do mundo. Uma entre tantas outras possíveis e falíveis. É dessa forma, segundo Neurath, que devemos entender as ciências e aceitarmos que todo o conhecimento parte de hipóteses cuja variação de controle se resume a uma questão de grau. Deste modo, podemos integrar os vários ramos da ciência, sem o sonho de uma linguagem ideal, de um método definidor de racionalidade e práticas científicas. Contudo, a unidade da ciência enquanto um trabalho cooperativo tem a vantagem da integração de conhecimentos na busca de melhores resultados para a ciência e, conseqüentemente, para a vida. Ainda que não seja um procedimento definidor

⁸ O artigo citado é um clássico para entendermos a função dos conceitos teóricos em uma estrutura linguística. A posição de Carnap é a de que não se pode definir explicitamente os termos teóricos, ainda que em uma linguagem observacional estendida. Tais termos são introduzidos por postulados e parcialmente interpretados. Ver: Carnap, 1956.

de racionalidade, ousamos afirmar que é decisivo para a sobrevivência da ciência e de seus praticantes, e o que possibilita a integração entre as ciências (disciplinas) é o uso de uma linguagem científica universal, tendo como fundamento o empirismo científico e a unidade metodológica.

Retomando Carnap, o que podemos afirmar é que a unidade, mas não a uniformidade,⁹ é uma opção lógica, por estabelecer as relações entre os enunciados e as leis de diversos ramos da ciência, e metodológica, pois o fisicalismo e a testabilidade empírica são uma proposta de um critério de significado lógico linguístico sustentado na confirmabilidade intersubjetiva – na unidade metodológica. Uma proposta que deve ser vista como um programa de pesquisa a ser desenvolvido, tendo como base a linguagem fisicalista segundo a qual é possível estabelecer métodos observacionais de controle (diretos ou indiretos, dada a tese da incompletude da interpretação dos termos teóricos, bem como sua posição instrumentalista¹⁰ destes termos) de significado, com critérios empíricos de aplicação aos conceitos. Assim, temos a tese forte do fisicalismo: “a construção de um sistema homogêneo de leis para a ciência como um todo é um objetivo para o futuro desenvolvimento da ciência” (1938, p. 61). Portanto, a unidade da ciência é uma unidade conceitual, e não nomológica, tampouco ontológica, pois as explicações e predições de fenômenos, feitas a partir de determinada lei, de determinado ramo da ciência, sempre envolvem o conhecimento de leis de outros ramos, e a aplicação prática do conhecimento teórico depende da unidade de estruturas linguísticas e não da relativização cultural.

CONCLUSÃO

Em *A Ciência em uma Sociedade Livre*, Feyerabend afirma que “a racionalidade é uma tradição entre muitas, e não um modelo a que as tradições devem se adaptar” (2011, p. 11). Seguir um padrão de racionalidade, qualquer que seja, perturba de modo irreversível o já delicado e frágil equilíbrio entre teoria e prática científica. Portanto, não é racionalmente¹¹

⁹ Carnap é um pluralista metodológico tanto no aspecto lógico, quanto linguístico.

¹⁰ Sobre isso, ver Liston, 2015.

¹¹ A racionalidade, aqui, é entendida enquanto uma tradição de pesquisa e não uma agência de controle com seu ambicioso esquema teórico que comanda outras tradições.

plausível fazê-lo. É assim que “vale-tudo” deve ser entendido: não enquanto princípio,¹² mas como uma estratégia que nos leva a ver o limite de todo e qualquer princípio sustentado em padrões universais com predicados racionalistas.

Se você quer padrões universais, digo eu, se você não pode viver sem princípios que se mantém independentemente da situação, da forma do mundo, das exigências da pesquisa, das peculiaridades temperamentais, eu posso lhe dar um princípio assim. Ele será vazio, inútil e bastante ridículo – mas será um “princípio”. Será o “princípio” de que “vale-tudo (FEYERABEND, 2011, p. 236).

A crítica que Feyerabend faz à lógica da ciência do positivismo lógico não tem como objetivo mostrar alguma inferioridade metodológica, seja esta atribuída ao movimento ou à ciência, quando comparados a outras formas de conhecimento. Feyerabend nunca se pronunciou nesse sentido, mas sua interpretação nos conduz ao caminho de pensar que a imagem da ciência proposta pelo positivismo lógico pretendia eliminar outras formas de conhecimento, o que não é o caso. Mesmo a eliminação da metafísica nunca foi uma tese, mas uma sub tese decorrente de escolhas metodológicas para um determinado fim, o da demarcação científica, cujo objetivo era a separação entre especulações filosóficas e pesquisa científica. Ocorre que Feyerabend nega a possibilidade de distinções e clarificações interessantes para a pesquisa, seja ela qual for, sem mutilar o conhecimento com mitos filosóficos. E, assim, anuncia um fim trágico: “os autores do Círculo de Viena e os primeiros racionalistas críticos distorceram a ciência e arruinaram a filosofia” (Idem, p. 256). Assim, se concordarmos com Feyerabend, como podemos entender uma das principais ideias¹³ de *Contra o Método*, a de que é possível fazer boa ciência e produzir conhecimento independentemente do tipo de regra ou padrão de racionalidade adotado? Afinal, o método de análise lógica da linguagem e a unidade da ciência seriam as únicas exceções? Poderíamos ser caridosos com Feyerabend e imaginarmos que alguns métodos estão destinados a fracassar enquanto outros, em conjunto, têm alguma chance de sucesso. Mas a avaliação não pode ser ignorada por uma decisão anarquista e deveria ser coerente com a proposta de interações racionais de práticas metodológicas ou tradições de pesquisa para, assim, termos uma visão em perspectiva que salvasse a vibrante bandeira da racionalidade contextualizada, mas sem um relativismo que nos imobilize. Enfim, Feyerabend

¹² Em outro contexto, Feyerabend afirma que “Vale Tudo” não é o único princípio de uma nova metodologia recomendada por ele, mas a única maneira que alguns conseguiram entender seu modo de ver e analisar as tradições de pesquisa e suas práticas (FEYERABEND, 2011, p. 51).

¹³ Preferimos usar o termo ideia pelo simples fato de que é difícil afirmar a existência de uma única tese na obra de Feyerabend.

não nos dá a resposta. Talvez queira nos dizer, uma vez mais, que em filosofia o importante não são as respostas, mas as perguntas. E, assim, podemos afirmar que Feyerabend não nos apresentou nenhuma tese e nenhum princípio.

Por fim, gostaríamos de falar um pouco sobre a realidade, ou o abismo. Afinal, quando somos realistas, antirrealistas ou neutros? A complexidade da realidade não pode ser reduzida a uma visão de mundo. Sendo assim, por que nos preocupamos em eleger a melhor interpretação da realidade? Se “potencialmente cada cultura é todas as culturas”, então nossos filtros de observação não são apenas teóricos, mas, também, culturais. Nossas visões de mundo interagem enquanto observadores criativos que moldam e são moldados pela realidade de um modo espontâneo, ambíguo e tolerante, pois não há limite para a observação/interpretação, tampouco para o fenômeno, de modo que escolhemos livremente uma forma de conhecimento do mundo – que não deixa de ser uma forma de vida, com suas ontologias e ilusões –, ou da assim chamada realidade, em detrimento de outra, mas sempre a partir de um modelo, de uma estrutura linguística ou de uma teoria. O mundo – ou partes dele – está constantemente sendo investigado a partir de projeções deste mesmo mundo. Ele possui uma estrutura e tal estrutura, com suas características, pode ser descrita por nossas melhores teorias científicas? Os realistas apostam por hipótese que sim.¹⁴ Os instrumentalistas preferem manter uma posição de indiferença em relação à estrutura do mundo e afirmam que nossas teorias são apenas instrumentos para boas previsões do que pode ser observado, e relativizam a existência de seus compromissos ontológicos à estrutura teórica que os projeta. Deste modo, se por um lado podemos afirmar que a ciência constrói relações causais, por outro lado podemos afirmar que ela nos apresenta condições semânticas para a aceitação significativa de seus postulados teóricos.

Feyerabend (1981, p. 201) afirma que o realismo é sempre preferível ao instrumentalismo, mas faz questão de destacar que são apenas duas possibilidades alternativas de interpretação para a ciência e para o conhecimento factual em geral. Se forem apresentadas enquanto dicotomia descrição/construção, então teremos uma visão ingênua sobre a natureza do conhecimento científico. Essa diversidade de visões¹⁵ conflituosas sobre a natureza do conhecimento científico pode ser um fenômeno puramente filosófico e, se assim o for – e tudo

¹⁴ Não se trata de um realismo ingênuo, do tipo que defende a possibilidade de comparar a teoria com a realidade, independente da teoria.

¹⁵ “Visões”, aqui, significa uma coleção/conjunto de crenças, culturas, atitudes e suposições.

indica que sim –, continuamos com a eterna, indecidível e ociosa disputa linguística.¹⁶ A posição de quem defende a unidade linguística¹⁷ da ciência parte de um pressuposto diferente, aquele que vê no trabalho científico elementos cooperativos e colaborativos, ao menos do ponto de vista metodológico, pois não podemos negligenciar o fato de que a ciência é realmente uma coleção de diferentes abordagens, algumas bem sucedidas, outras nem tanto. Feyerabend, como já discutimos acima, discorda do pressuposto de unidade. Para ele, o conflito,¹⁸ que na filosofia é sua marca, está presente também na prática científica e afirma que “os cientistas são tão briguentos quanto os filósofos. Mas enquanto estes apenas falam, os cientistas agem de acordo com suas convicções...e frequentemente têm sucesso” (1999, p. 200).

Dentre as muitas possibilidades de uma difícil identificação epistemológica de Feyerabend, talvez a que mais se aproxima seja a do pluralista ontológico e do relativista epistemológico. Ainda que tenha tentado se desvencilhar da última etiqueta, afirmando que o relativismo não é uma posição filosófica, Feyerabend mantém a posição de que o relativismo “é um fato empírico, apoiado pela multiplicidade de enfoques e de resultados, dentro e fora das ciências” (Idem, p. 288). Os sucessos da ciência, que a torna tão notável frente à outras formas de conhecimento e a outras formas de vida e de cultura, são eventos temporários, ambíguos e pouco definidos, tanto quanto a tentativa fracassada de separação entre a teoria e a prática científica ou, ainda, entre prescrições metodológicas e descrições da prática científica. Nada é completamente isento de hipóteses avaliativas e de ambiguidades teóricas, com compatibilidade interpretativa. Por fim, a natureza é mais complexa que nossas melhores teorias.

A posição neutra de Carnap sobre o debate realismo/antirrealismo (realismo/idealismo) tem uma importante razão de ser: o sistema construcional carnapiano não discute com a metafísica, e as divergências do debate se estabelecem no domínio teórico da metafísica. A posição é neutra porque o critério de decidibilidade não pode ser acionado. Se o debate é indecidível, então não passa de uma ociosa disputa linguística. Aos navegadores desse mar revolto, um oceano aberto de infinitas e ilimitadas possibilidades. Com saudades do futuro!

¹⁶ Realistas, antirrealistas, empiristas, racionalistas, anarquistas, aprioristas, positivistas, pragmatistas....

¹⁷ Importante destacar que a unidade é linguística e que a concepção científica do mundo não implica uma visão científica única, exceção feita aos metafísicos. A existência de posições e visões diferentes do mundo em um empreendimento científico abrangente não pode ser surpreendente. Contudo, precisam ser empiricamente aceitáveis.

¹⁸ Feyerabend alivia a crítica, ainda que em um tom provocativo, já que ele mesmo certamente faz parte e incentiva o conflito de ideias, hipóteses, tendo em vista a proliferação teórica e conclui: “algumas pessoas poderiam preferir disputas frequentes a uma paz de cemitério” (1999, p. 281).

REFERÊNCIAS

AYER, A. J. *Language, Truth and Logic*. New York: Dover Publication, 1952.

_____. *Logical Positivism*. New York: The Free Press, 1959.

CARNAP, R. *Pseudoproblems in Philosophy*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1928a.

_____. *An Introduction to the Philosophy of Science*. New York: Basic Books, Inc., 1966.

_____. “Empirismo, Semântica e Ontologia”. São Paulo: Abril Cultural, *Os Pensadores*, 1975a [1950].

_____. “Logical Foundations of the Unity of Science. In: *International Encyclopedia of Unified Science*. Chicago: University of Chicago Press, 1938.

_____. “O Caráter Metodológico dos Conceitos Teóricos”. In: *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1975b [1956].

_____. *The Unity of Science*. Bristol: Thoemmes Press, 1932a.

_____. *The Logical Syntax of Language*. New Jersey: Littlefield, Adams & Company, 1934.

_____. *The Logical Structure of the World*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1928b.

_____. “Truth and Confirmation”. In: Feigl, H. and Sellars, W. (eds.): *Reading in Philosophical Analysis*. New York, Appleton-Century-Crofts, 1949 [1936].

CARUS, A. W. *Carnap and Twentieth-Century Thought*. New York: Cambridge University Press, 2007.

FEYERABEND, P. *Against Method*. 3rd edition. London: Verso, 1993.

_____. *Contra o Método*. São Paulo: UNESP, 2007.

_____. *Adeus à Razão*. São Paulo: UNESP, 2010.

_____. *A Ciência em uma Sociedade Livre*. São Paulo: UNESP, 2011.

- _____. *Ciência, um Monstro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- _____. *Matando o Tempo: Uma Autobiografia*. São Paulo: UNESP, 1996.
- _____. “Consolando o Especialista”, In: Lakatos, 1965.
- _____. *Realism, Rationalism & Scientific Method*. Cambridge: University Press, 1981.
- _____. *A Conquista da Abundância*. São Leopoldo: Unisinos, 1999.
- FRIEDMAN, M. *Reconsidering Logical Positivism*. Cambridge: University Press, 1999.
- LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. *A Crítica e o Desenvolvimento do Conhecimento*. São Paulo: Cultrix, 1965.
- LISTON, G. *Carnap: Lógica, Linguagem e Ciência*. Campinas: PHI, 2015.
- NEURATH, O. *Philosophical Papers 1913-1946*. Ed. and transl. by Robert S. Cohen & Marie Neurath, (Vienna Circle Collection vol. 16). Dordrecht: Reidel, 1983.
- _____. “Protocol Sentences”. (1959a). In: Ayer, 1959.
- _____. “Sociology and Physicalism”. (1959b). In: Ayer, 1959.
- POPPER, K. R. *The Logic of Scientific Discovery*. London and New York: Routledge, 1995.

I – INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR

Gelson Liston

Professor Associado no Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Atua principalmente na área de Lógica e Filosofia da Ciência, nos cursos de graduação e pós-graduação. É Doutor em Epistemologia pela Universidade Federal de Santa Catarina e pós-doutor em Filosofia da Ciência pela *University of Leeds*, UK. E-mail: gelson@uel.br

II – INFORMAÇÕES SOBRE O ARTIGO

Recebido em: 31 de outubro de 2023

Aprovado em: 30 de novembro de 2023

Publicado em: 24 de dezembro de 2023